



F S S P X

1974 – 2024

“SEMPER IDEM”

*Mensagem do Superior Geral e seus Assistentes
por ocasião do quinquagésimo aniversário da
declaração de 21 de novembro de 1974*

Há 50 anos Dom Marcel Lefebvre publicava uma declaração memorável que iria se tornar a carta magna da Fraternidade Sacerdotal São Pio X. Uma verdadeira profissão de fé com ressonâncias eternas, essa declaração expressa a essência da Fraternidade, sua razão de ser, sua identidade doutrinal e moral e, conseqüentemente, sua linha de conduta. A Fraternidade não pode se afastar nem um centímetro do seu conteúdo e espírito, que, cinquenta anos depois, continuam perfeitamente adequados ao momento atual.

Essa declaração contém duas ideias centrais, que se complementam e se apoiam mutuamente: a primeira afirma a natureza essencialmente doutrinária do combate da Fraternidade; a segunda expressa o intuito desse combate.

É uma luta doutrinal, contra um inimigo claramente identificado: a Reforma do Concílio, que se nos apresenta como um todo envenenado, concebida no erro e conduzindo ao erro. O que é questionado é seu espírito de fundo e, conseqüentemente, tudo o que esse espírito foi capaz de produzir. “Esta Reforma, por ter surgido do liberalismo e do modernismo, está completamente empedaçada, surge da heresia e acaba na heresia, ainda que todos os seus atos não sejam formalmente heréticos. É, pois, impossível para todo o católico consciente e fiel adotar esta reforma e submeter-se a ela de qualquer modo que seja. A única atitude de fidelidade à Igreja e à doutrina católica, para bem da nossa salvação, é uma negativa categórica à aceitação da Reforma”.

A história dos últimos cinquenta anos apenas confirmou a propriedade dessa análise. Sendo a Reforma corrupta em si mesma e em seus princípios, parece impossível restaurar qualquer coisa na Igreja sem primeiro pôr em questão os princípios do Concílio e rejeitar todos os erros nele contidos. Ao mesmo tempo, o desprezo e o ódio pela Tradição e pela Missa de sempre continuaram a crescer, demonstrando de forma concreta que duas doutrinas incompatíveis correspondem a dois cultos irreconciliáveis, duas formas irredutíveis de conceber a Igreja e sua missão junto às almas.

Iniciada no Concílio, essa Reforma ainda está em andamento e continua a dar frutos.

Hoje, por meio da sinodalidade, estamos presenciando uma reviravolta completa da própria estrutura da Igreja. A transmissão da Verdade divina recebida do Verbo Encarnado está sendo substituída por uma construção humana, um sistema no qual Deus não tem mais seu lugar e no qual o espírito humano sopra substituindo o Espírito Santo. Essa é a inversão diabólica do próprio Evangelho.



Diante dessa demolição da Igreja, claramente denunciada, Dom Lefebvre nos encoraja a continuar o combate doutrinário, ou seja, a militância santa pelo reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo, Palavra, Verdade e Vida. Hoje, como ontem, nossa missão não é outra senão a restauração de todas as coisas em Cristo. Restaurar tudo, a começar pelo sacerdócio, em toda a sua pureza doutrinária, em toda a sua caridade missionária; restaurar o Santo Sacrifício da Missa, coração da vida da Igreja; restaurar a vida cristã, que não é outra coisa senão a própria vida de Cristo, marcada pelo espírito da Cruz, pelo amor e glória do Pai; restaurar a verdade católica em seu esplendor e permitir que ela ilumine o mundo; restaurar, na Igreja e na sociedade civil, o reconhecimento dos direitos de Cristo, Rei das nações.

“Jesus Cristo (é sempre o mesmo) ontem e hoje; Ele o será também por todos os séculos. Não vos deixeis levar por doutrinas várias e estranhas. Porque é ótimo fortificar o coração com a graça” (Heb. 13, 8-9).

A segunda ideia que domina a declaração de 1974 é a vontade clara e determinada de agir com o único objetivo de servir à Igreja Católica Romana.

De fato, é somente na Igreja de todos os tempos e em sua constante Tradição que encontramos a garantia de estar na Verdade, de continuar a pregá-la e de servi-la.

Mas, acima de tudo, estamos bem cientes de que manter a Tradição e tomar todas as medidas necessárias para preservá-la e transmiti-la corresponde a um dever de caridade que cumprimos para com todas as almas e com a Igreja em sua totalidade. Sob essa perspectiva, nossa luta é profundamente desinteressada. A Fraternidade não está buscando primordialmente sua própria sobrevivência, mas o bem da Igreja universal, e por isso é, por excelência, uma obra de Igreja, que com liberdade e uma força únicas responde adequadamente às necessidades de uma época trágica sem precedentes.

Esse único objetivo ainda é nosso hoje, assim como era há cinquenta anos: “É por isso, sem nenhuma rebelião, sem amargura alguma e sem nenhum ressentimento, prosseguimos a nossa obra de formação sacerdotal à luz do magistério de sempre, convencidos de que não podemos prestar maior serviço à Santa Igreja Católica, ao Soberano Pontífice e às gerações futuras”.

É à Igreja que pertence a Tradição, é nela e para ela que a guardamos integralmente, “à espera de que a verdadeira luz da Tradição dissipe as trevas que obscurecem o céu da Roma eterna”, na certeza sobrenatural e inabalável de que essa mesma Tradição triunfará e, com ela, toda a Igreja. E na certeza renovada de que as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Menzingen, 21 de novembro de 2024

Davide Pagliarani
Superior Geral

† Alfonso de Galarreta
1º Assistente Geral

Christian Bouchacourt
2º Assistente Geral



Declaração de 21 de novembro de 1974

Nós aderimos de todo o coração e com toda a nossa alma à Roma católica, guardiã da fé católica e das tradições necessárias para a manutenção dessa fé, à Roma eterna, mestra de sabedoria e de verdade.

Pelo contrário, negamo-nos e sempre nos temos negado a seguir a Roma de tendência neomodernista e neoprotestante que se manifestou claramente no Concílio Vaticano II, e depois do Concílio em todas as reformas que dele surgiram.

Todas estas reformas, com efeito, contribuíram, e continuam contribuindo, para a demolição da Igreja, a ruína do sacerdócio, a destruição do Sacrifício e dos Sacramentos, a desapareição da vida religiosa, e a implantação de um ensino naturalista e teilhardiano nas universidades, nos seminários e na catequese, um ensino surgido do liberalismo e do protestantismo, condenados múltiplas vezes pelo magistério solene da Igreja.

Nenhuma autoridade, nem sequer a mais alta na hierarquia, pode obrigar-nos a abandonar ou a diminuir a nossa fé católica, claramente expressa e professada pelo magistério da Igreja há dezenove séculos.

“Se ocorresse – disse São Paulo – que EU MESMO ou um anjo do céu vos ensinasse outra coisa distinta do que eu vos ensinei, seja anátema” (Gal. 1, 8).

Não é isto o que nos repete hoje o Santo Padre? E se se manifesta uma certa contradição nas suas palavras e nos seus atos, assim como nos atos dos dicastérios, então elegeremos o que sempre foi ensinado e seremos surdos ante as novidades destruidoras da Igreja.

Não se pode modificar profundamente a *lex orandi* (lei da oração, liturgia) sem modificar a *lex credendi* (lei da Fé, doutrina, magistério). À Missa nova corresponde catecismo novo, sacerdócio novo, seminários novos, universidades novas, uma Igreja carismática e pentecostalista, coisas todas opostas à ortodoxia e ao magistério de sempre.

Esta Reforma, por ter surgido do liberalismo e do modernismo, está completamente empeçonhada, surge da heresia e acaba na heresia, ainda que todos os seus atos não sejam formalmente heréticos. É, pois, impossível para todo o católico consciente e fiel adotar esta reforma e submeter-se a ela de qualquer modo que seja.

A única atitude de fidelidade à Igreja e à doutrina católica, para bem da nossa salvação, é uma negativa categórica à aceitação da Reforma.

É por isso, sem nenhuma rebelião, sem amargura alguma e sem nenhum ressentimento, prosseguimos a nossa obra de formação sacerdotal à luz do magistério de sempre, convencidos de que não podemos prestar maior serviço à Santa Igreja Católica, ao Soberano Pontífice e às gerações futuras.

Por isso, cingimo-nos com firmeza a tudo o que foi crido e praticado na fé, costumes, culto, ensino do catecismo, formação do sacerdote e instituição da Igreja, pela Igreja de sempre, e codificado nos livros publicados antes da influência modernista do Concílio, à espera de que a verdadeira luz da Tradição dissipe as trevas que obscurecem o céu da Roma eterna.

Fazendo assim, com a graça de Deus, o socorro da Virgem Maria, de São José e de São Pio X, estamos convictos de permanecer fiéis à Igreja Católica e Romana e a todos os sucessores de Pedro, e de ser os “fideles dispensatores mysteriorum Domini Nostri Jesu Christi in Spiritu Sancto”. Amém.

† Marcel Lefebvre
Albano, na Festa da Apresentação da Bem-aventurada Virgem Maria